



NEVES, Luciana S. d'. *Na Era do Consumismo: como ficam os dependentes de Drogas?* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Serviço Social. (TCC), 1993.

OLIEVEINSTEIN, Claude. *A dependência: um fenômeno psíquico ativo*. In: *A clínica do toxicômano: a falta da falta* - Porto Alegre : Artes Médicas, s/d. p.13-22.

_____ et alii. *A Clínica do Toxicômano: a falta da falta*. - Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.

OMS. CID 10 - Classificação de Doenças em Português (Centro Brasileiro de Classificação de Doenças) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo/ Organização Mundial de Saúde/ Organização Pan-Americana de Saúde. Implementação Eletrônica pelo DATASUS - Departamento de Informática do SUS, Secretaria Executiva, Ministério da Saúde. - Brasília : Ministério da Saúde. 1993. (Internet)

POLIZZI, Valéria Piassa. *Depois daquela viagem: diário de bordo d uma jovem que aprendeu a viver com aids*. 13. ed. - São Paulo : Ática, 1998.

SPINK, Mary J. P. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo : Brasiliense, 1995.

ZALUAR, Alba (org.). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo : Brasiliense, 1994.

ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro : Record, 1996.

ZIMERMAN, David E., Osorio, Luiz C. [et. al]. *Como trabalhamos com grupos* - Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.

Notas

¹ Por consumo o autor entende: gastar, desperdiçar, esgotar, destruir.

² Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas psicotrópicas

³ Atualmente dispomos de diversos cientistas de diferentes especialidades, estudando as formas de abordagem, tratamentos de recuperação, e mesmo estudando formas de normatização dos centros de tratamento, onde estudam a especificidade de cada profissional que pode atuar na área, definindo funções e habilidades necessárias.

⁴ Grupo de Mútua Ajuda da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵ dependência, recaída, fuga geográfica, compulsão, mídia, grupo de ajuda-mútua, consumo

⁶ Código Internacional de Doenças versão 10

Endereço da Autora:

A/C ITESC: Cx. Postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC



Qual a influência da “espiritualidade” no tratamento da dependência química? É a pergunta sobre a qual reflete este artigo. Começa por distinguir “espiritualidade” de “religião”, esta, naturalmente, mais estruturada e consubstanciada em normas e ritos. O autor estuda ainda a relação entre religião e comportamentos adictivos, na perspectiva judaico-cristã, e aborda também outras perspectivas religiosas. Faz um confronto entre “práticas religiosas” e recuperação, e conclui dando pistas sobre como vencer as barreiras nessa luta contra a tóxico-dependência, insistindo na contribuição decisivamente positiva da espiritualidade.

Dependência química e Espiritualidade

Pe. Luiz Prim

Coordenador Arquidiocesano da Pastoral da Sobriedade

A história do uso abusivo de drogas está intimamente relacionado com a religião e a espiritualidade. O uso de agentes psicoativos se faz presente em algumas tradições religiosas, mesmo como forma de prescrição. Em outras, ao contrário, o uso destes mesmos agentes é considerado grave ofensa, estando absolutamente proscrito. Por suas raízes estritamente espirituais, o Programa dos “Doze Passos” de Alcoólicos Anônimos, entende que a recuperação é um processo fundamentalmente espiritual. Mesmo a Organização Mundial de Saúde, preconiza que em todo tratamento se deve priorizar o resgate dos valores espirituais. Como é fácil deduzir, a citada OMS não se importa com a metodologia de espiritualidade que se use no enfrentamento da dependência. Basta, para ela, que a espiritualidade seja contemplada no procedimento de recuperação.

1. Espiritualidade e Religião

A definição do objeto a ser estudado e sua observação são componentes básicos do processo científico. Frequentemente, o conceito de “espírito” é determinado em contraposição à “matéria”. Conseqüentemente, “espiritualidade”, enquanto cuidado e cultivo das coisas espirituais, se contrapõe ao “materialismo”, definido como cuidado e super valorização das coisas materiais. Falar das coisas espirituais, é referir-se àquilo que é transcendente ou transpessoal. De maneira descritiva, isto pode ser entendido na assertiva geral de que “nós temos corpo, mas não somos nosso corpo”. O homem da ciência pode ou não aceitar esta postura, sendo que ela tem caracterizado a história da humanidade desde os tempos imemoriais, como um atributo próprio de sua condição.

Uma importante distinção, apaixonada em alguns círculos, é a que se faz entre espiritualidade e religião. Os pontos de diferenciação elencados a seguir podem ser proveitosos:

1. A espiritualidade é entendida como fenômeno individual, expressão pessoal da relação com o transcendental. A religião, pelo contrário, é

um fenômeno social, uma estrutura organizada com muitos objetivos e propósitos, um dos quais é, historicamente, o desenvolvimento espiritual de seus membros ou adeptos.

2. Definir ou determinar o que é exatamente a espiritualidade é uma tarefa difícil. Pelo seu enfoque sobre o transcendente, ela desafia os limites e conceitos habituais. A religião, pelo contrário, é determinada por seus limites, expressos em suas práticas, rituais e formas de direção. Por esta razão, em termos operacionais, tem sido mais fácil trabalhar com o conceito de religião.

3. É de se considerar que certas formas de expressão ou sistemas religiosos interferem ou mesmo, distorcem, a espiritualidade pessoal. A espiritualidade pode ser distorcida quando, por exemplo, rituais, regras e práticas se tornam importantes por si sós. Vista desta maneira, a relação entre espiritualidade e religião é tema polêmico.

A construção científica de uma definição de espiritualidade deve prescindir de conceitos religiosos particulares, e deve também ser acessível e observável, independente das crenças pessoais. O certo é que este dado da natureza humana é muito complexo, não podendo ser desvirtuado em função de dicotomias.

A espiritualidade se caracteriza por ser um processo multidimensional. Maneira interessante de interpretar a progressão espiritual na pessoa é considerá-la como uma construção, tal como a saúde, a felicidade ou a realização pessoal. Suas dimensões incluiriam, pelo menos:

- um comportamento aberto, enquanto prática religiosa ou espiritual.
- crença na natureza divina, na inter-relação dos seres vivos, na alma ou espírito e na vida além da morte.
- uma experiência de progressão mística, de conquista dos dons espirituais.

2. Religião e comportamentos adictivos – Perspectiva judaico-cristã

Embora a grande maioria das chamadas drogas de abuso fossem desconhecidas no tempo em que as Escrituras judaico-cristãs foram elaboradas, o álcool é assunto de alguns preceitos bíblicos bem definidos. Não há condenação de seu uso. Pelo contrário, o hábito de consumir vinho está inserido na vida cotidiana, sendo até recomendado, p. ex. na 1Tm 5,23. Ritos sacramentais centrais, tanto no judaísmo, quanto no cristianismo, p.ex.



na Eucaristia, envolvem o uso do vinho. Entretanto, há igualmente uma denúncia bíblica consistente sobre os excessos e a embriaguez, no uso do álcool, que inflige dano e prejuízo, p. ex. em Is 5,11 e 5,22. É este uso excessivo de álcool, hoje chamado de “abuso”, que é denunciado como pecaminoso. Se tomarmos o ensinamento bíblico sobre o álcool de uma maneira mais abrangente, aplicando-o às modernas drogas de abuso, chegaremos à conclusão de que infligir dano ou risco de prejuízo, a alguém ou a si mesmo, nos insere nos domínios do pecado, considerando tudo aquilo que separa a humanidade de Deus. A idéia fundamental é de que o uso abusivo do álcool, que interessantemente chegou a ser chamado de “espírito”, é evidentemente incompatível com a espiritualidade. Uma condição elimina a outra. Este entendimento é fundamental dentro dos escritos dos Alcoólicos Anônimos.

A essência de seu programa de recuperação não é a do modelo doença, com o qual tem sido confundido freqüentemente, mas o entendimento de que o melhor para um dependente de álcool é a conquista da sobriedade através da rendição, reconhecimento, aceitação de ajuda e direcionamento da vida para o encontro com o poder mais alto, transcendente, referido como “Deus” nos escritos de Alcoólicos Anônimos. Os chamados “Doze Passos” são trabalhados dentro de uma perspectiva de futuro, que se constrói a cada dia, “só por hoje”. Eles não são, portanto, para serem aplicados de uma só vez, como uma tábua de salvação, mas se constituem num programa continuado, que dura toda uma vida. A sobriedade é um conceito muito mais abrangente do que a abstinência e deve ser entendida dentro de uma atmosfera de progressão espiritual. Nos círculos de Alcoólicos Anônimos pode-se constatar que alguém está “seco” (abstinente) mas não “sóbrio”. A sobriedade se insere num processo de crescimento espiritual, que envolve rendição, aceitação, humildade e serenidade. No entender dos Alcoólicos, é a espiritualidade que finalmente elimina os defeitos de caráter que se manifestam na adicção. Embora as reuniões dos Grupos de Entre-Ajuda, todos inspirados em Alcoólicos Anônimos, variem de muitas formas, uma das constantes fundamentais mais confiáveis dentro dos mesmos grupos é a ênfase dada à espiritualidade, como sendo o caminho para a conquista de uma vida nova.

Visto sob diferente enfoque, o fenômeno da adicção pode se constituir numa interessante metáfora sobre o pecado, em um sentido mais amplo. Conceitos e diagnósticos gerais sobre a adicção, no enfoque da dependência química, descrevem fenômenos que tomam conta da vida da pessoa lentamente, deslocando e relativizando todos os outros interesses. Considera-se a dependência química como uma doença incurável, progressiva e fatal.



Toda a vida do adicto, seu tempo, recursos e energias, se centralizam na satisfação de sua compulsividade. Interesses, atividades e compromissos são progressivamente evitados quando o uso da droga torna-se o objeto central e dominante da atenção do indivíduo. Abandonando tudo, esquecendo-se das conseqüências nocivas de seu procedimento, o adicto trilha uma vereda muito estreita, em busca da euforia e do esquecimento, perdendo-se cada vez mais no “abraço” da droga. Em resumo, o uso da droga ocupa a posição de força maior, adquire uma centralidade na vida da pessoa. Neste sentido a adicção é um dos casos modernos mais claros de idolatria, colocando algo material, a droga, no lugar que de pleno direito é de Deus. O uso abusivo das drogas elimina a espiritualidade.

3. Outras perspectivas religiosas

Afirmamos anteriormente que as religiões não se calam diante do fenômeno da dependência química, embora a pesquisa e os escritos sobre a adicção se originem freqüentemente num contexto judaico-cristão. Ainda assim, há uma grande variedade de perspectivas sobre o uso de drogas nas religiões mundiais. Da mesma forma, temos hoje uma ampla literatura de abordagem sociológica e antropológica sobre o papel das drogas na vida espiritual e religiosa. Poucas religiões são neutras em relação ao assunto. Algumas, como o Islã, proíbem severamente a ingestão de álcool e de algumas outras drogas. Por outro lado, nativos americanos, polinésios, africanos e outras religiões indígenas, usam freqüentemente alucinógenos e outras substâncias psicoativas com veículos na procura da transcendência espiritual, sendo que algumas religiões ou sistemas religiosos são caracterizados como implicados ou inspirados no uso de drogas. Na verdade, há uma diversidade de entendimentos religiosos sobre os estados alterados de consciência, induzidos pelo uso de drogas. Interessa para nós que a maioria das religiões inferem alguma ligação direta entre substâncias psicoativas e espiritualidade.

Dadas as conexões antigas entre religião, espiritualidade e o uso de substâncias psicoativas, e considerando o importante papel das religiões e as perspectivas espirituais que moldam o entendimento da adicção, é estranho que pouca pesquisa se tenha realizado em meios especializados sobre este fenômeno.

Há evidências muito claras de que o envolvimento espiritual/religioso está associado a uma diminuição do risco de uso abusivo de drogas. Considera-se que indivíduos envolvidos em atividades religiosas são consistentemente menos propensos a utilizar drogas pesadas e a sofrer suas conseqüências adversas. Este efeito persiste mesmo quando o envolvimento



é de pouca consistência. É interessante notar que não há diferenças substanciais entre as diferentes denominações religiosas e o risco de seus membros apresentarem problemas com drogas. Deve-se perguntar se uma vida livre de problemas com drogas pode ser parte de um complexo maior de valores sociais, que são fomentados pelo envolvimento religioso? A correlação entre envolvimento espiritual/religioso e risco menor do problema de uso compulsivo de drogas é uma das constantes no campo da adicção.

Entre as variantes espirituais/religiosas há também fatores de risco, associados com o “risco mais alto” do uso futuro de substâncias e problemas delas decorrentes. Desta evidência, pode-se afirmar que a falta de um autêntico envolvimento no processo espiritual/religioso se constitui num elemento profético. Há estudiosos que se ativeram às várias noções de Deus. Parece que o conceito de um Deus irado e punitivo pode estar relacionado ao desenvolvimento de problemas com drogas. Pessoas filiadas a grupos religiosos que denotam uma incidência mais alta do uso e abuso, sofreriam elas mesmas um risco maior de exposição ao problema. Se o envolvimento espiritual/religioso geralmente se constitui num fator de proteção contra o abuso de substâncias psicoativas, e se a espiritualidade/religião e o abuso de drogas são incompatíveis, seria lógico deduzir que pessoas que estão envolvidas correntemente na adicção seriam menos ativas espiritualmente, ou menos envolvidas religiosamente. Estes tópicos raramente são contemplados no estudo da adicção, possivelmente em função do modelo moralista do nosso sistema religioso, que culpa os adictos, considerando-os moralmente deficientes. Variantes espirituais devem ser entendidas como determinantes potenciais do decurso e da gravidade dos problemas com as drogas, assim como se consideram fatores etiológicos comumente considerados como influências fisiológicas, genéticas, psicológicas, familiares e socioculturais. Pessoas com problemas de uso abusivo de drogas encontram-se freqüentemente enfraquecidas nas dimensões cognitivas, psicológicas, sociais e médicas. Que critérios usar para avaliá-las espiritualmente?

Em geral, costuma-se associar problemas com drogas à falta de filiação e envolvimento religioso. O envolvimento religioso, entretanto, é só uma das dimensões da espiritualidade. Sabe-se que o exercício da meditação está associado a um risco menor de uso e é fator benéfico nos programas de recuperação. Os estudiosos concordam que o uso abusivo de substâncias psicoativas está associado com uma falta de sentido para a vida. Aspectos espirituais de saúde física e mental são absolutamente necessários no processo de enfrentamento da dependência química. O uso abusivo de substâncias psicoativas pode exercer efeitos prejudiciais sobre a espiritualidade, como também o faz sobre a saúde física e psicológica. É



interessante observar que certas drogas têm usos sacros, e são consumidas, dentro desse contexto, para facilitar uma experiência “espiritual” mais profunda.

Se o envolvimento religioso é fator de proteção e, se o abuso de substâncias psicoativas está associado à falta de um envolvimento espiritual/religioso, as intervenções espiritualmente focalizadas promovem a recuperação dos problemas advindos das drogas? A experiência demonstra que a espiritualidade é um componente importante no caminho da recuperação. Sem dúvida, uma das grandes contribuições, se não a maior, no campo da espiritualidade e da recuperação, foi dada pelos Alcoólicos Anônimos, com os seus “Doze Passos para a Sobriedade”. Quanto mais intenso for o envolvimento do indivíduo nas atividades recomendadas pelos Alcoólicos Anônimos, maiores serão suas possibilidades de se manter sóbrio. Infelizmente, até hoje são poucas as avaliações sistemáticas que se concentram sobre a aplicação de estratégias espirituais como ajuda na recuperação de usuários de drogas. Os tratamentos que se concentram em elementos espirituais são considerados como treinamentos cognitivos comportamentais, e vistos como terapias motivacionais. Percebe-se, pela prática, que o envolvimento religioso/espiritual está intimamente relacionado com resultados positivos no campo da recuperação da adicção.

4. Práticas religiosas e Recuperação

Se há aspectos espirituais no problema do uso abusivo de drogas, é justo esperar que a espiritualidade faça parte da solução. De fato, práticas baseadas na espiritualidade e na religião têm sido usadas para enfrentar os problemas advindos do uso abusivo de drogas. Experiências interessantes são relatadas pela literatura. Nas igrejas, cada vez mais se abrem espaços para grupos que trabalham a recuperação, inclusive dando aos programas uma configuração religiosa. Entendemos que o procedimento de enfrentamento da dependência química não é o espaço adequado para se fazer proselitismo religioso, visando aumentar o número de adeptos da religião que o aplica. O programa de Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos supõe o desenvolvimento da consciência de um “Poder Superior”, maior que o indivíduo, para o qual a pessoa dirige sua vontade, pede ajuda, confessa e pratica a reparação dos males causados, desenvolvendo uma vida de oração e meditação, procurando conformar-se à vontade deste chamado “Ser Superior”.

Outro fenômeno interessante é o tipo de transformação súbita e dramática que dirige o indivíduo para a busca de recuperação da sobriedade.



Histórias retrospectivas de recuperação, não raramente, incluem incidentes críticos que podem ser caracterizados como experiências de mudanças espirituais. Há relatos de mudanças radicais e contínuas. Mudanças que normalmente exigiriam processos longos de tratamento intensivo. Nestas experiências, a personalidade é permanentemente mudada, de forma drástica, geralmente em poucos minutos ou horas. Tais processos de mudança são melhor compreendidos na sua importância e podem sustentar algumas chaves do que a espiritualidade e a religião podem operar na transformação de uma vida. Acredito, ao lado da operosidade da graça da Deus, que o processo considerado acima está associado de alguma forma com as mudanças comportamentais consistentes, que são observadas após tratamentos motivacionais e focalizados.

Infelizmente, em estudos de procedimentos de tratamento, as variantes espirituais raramente são observadas. Autores que enveredaram por este caminho, raramente submeteram suas assertivas à verificação científica. A perspectiva de tratamento multidisciplinar crescente compreende aspectos de ajustamento no plano físico, psicológico, interpessoal, financeiro, legal, sexual emocional, social, vocacional e, mais recentemente, tudo se encerra no estudo da chamada "qualidade de vida". A espiritualidade, no entanto, foi pouco considerada. Talvez isto se deva ao fato de não existirem escalas de ajustamento espiritual nos instrumentos designados para avaliações de tratamentos de dependentes químicos. Os profissionais da saúde mental, que frequentemente conduzem a maior parte dos resultados de tratamentos de usuários com problema de drogas, sub-representam drasticamente os sistemas de crenças religiosas e de valores espirituais em suas averiguações. O treinamento típico de pesquisadores é desprovido de considerações sobre os resultados de procedimentos de espiritualidade no enfrentamento da dependência química. Consequentemente, a maioria dos pesquisadores carece de conhecimento teórico básico e de instrumentos necessários para estudar as variantes espirituais, mesmo que percebam o quanto a espiritualidade tem a oferecer no enfrentamento do problema. Por outro lado, aqueles mais atentos e interessados na área da adicção e espiritualidade denotam falta de treinamento adequado ou de recursos para darem vazão à pesquisa empírica de sua paixão.

5. Vencendo barreiras

Parece que precisamos valorizar as experiências existentes no procedimento de enfrentamento da dependência química. Muita coisa boa e eficiente já se faz. É necessário que sejam divulgados conteúdos e que se provoque uma reflexão continuada sobre o uso abusivo de drogas. Muitas



ainda são as barreiras, que se expressam sobretudo na forma de preconceitos e de deficiente formação na área. Nenhum dos problemas de tratamento se constitui na receita para o enfrentamento do problema. É ainda extremamente importante que os profissionais e interessados nesta área possam se comunicar, trocar experiências, cooperar entre si. A dependência química, enquanto doença sistêmica, merece ser combatida em todas as frentes. As igrejas, associações comunitárias, entidades organizadas, organizações não governamentais e organismos do poder público, deveriam abrir possibilidade a grupos que centralizem seu agir sobre temas de espiritualidade e religião. Tais grupos podem trabalhar juntos, criativamente, contribuindo significativamente para a compreensão do papel da espiritualidade no tratamento da dependência química.

Um princípio verdadeiro é o seguinte: se você deseja observar e estudar um fenômeno, deverá se deslocar até onde ele está acontecendo. No campo do estudo de adicção, esta atitude nos levará ao contato com os grupos de Alcoólicos Anônimos e, a partir deles, com todos os Grupos de Entre-Ajuda, neles inspirados. A metodologia de enfrentamento da dependência química proposta pelos Alcoólicos Anônimos inspira praticamente todos os Grupos de Entre-Ajuda. Essa metodologia nos pontua alguns ingredientes ativos específicos, que podem fazer o papel de chaves na recuperação do dependente. Estes ingredientes ativos são mais concebidos como conceitos sobre o caráter do que sobre a personalidade.

Um tema muito enfatizado por Alcoólicos Anônimos é o da "aceitação". É um paradoxo reconhecido que a aceitação da condição recente, seja ela qual for, abre as portas para as mudanças, quando necessárias. Há evidências persuasivas de que a aceitação reforça significativamente o processo de autoajuda e promove recuperação. Segundo a reconhecida experiência de Alcoólicos Anônimos, a aceitação caminha junto com a humildade, constituindo-se em conceitos centrais no processo de recuperação. Noutra extremo, o cuidado e a necessidade exageradas com o interesse pessoal e a necessidade de controle externo são fatores de risco à saúde mental e espiritual. Uma pergunta oportuna se pode fazer agora: como se mensura a humildade? Provavelmente não através de pergunta às pessoas se elas a possuem. A prática do perdão é associada geralmente com uma maior satisfação pela vida, especialmente quando acompanhada do componente religioso, e se manifesta com um substancial potencial terapêutico. Em oposição, atitudes como ressentimento, impaciência e hostilidade têm sido prejudiciais no processo de recuperação. A reparação, quando possível, dos delitos cometidos e o exercício do perdão, tenha ele ou não conotação religiosa, figuram como elementos essenciais nas histórias

de recuperação. Para pacientes com orientações espirituais ou práticas religiosas, a falta ou carência de enfoques espirituais pode se constituir num obstáculo significativo para as necessárias mudanças.

É interessante constatar como o cultivo da espiritualidade e o exercício de uma metodologia religiosa têm sido caminhos muito eficientes de busca da superação da dependência química. É tempo de nos questionarmos e de revertermos a hipótese de que variáveis espirituais são, de um lado, tabu para cientistas e terapeutas e que, de outro, métodos científicos não são compatíveis com a espiritualidade. Depois de discutirmos aspectos biológicos, psicológicos e sistêmicos da adicção, porque não nos movermos em direção de modelos de tratamento que incluam o dado da espiritualidade e da religião como componentes básicos da condição humana?

Endereço do Autor:

Rua Luiz D'Acampora, 120
Jardim Atlântico
88095-330 FLORIANÓPOLIS SC

O "Amor Exigente" é um dos mais conhecidos métodos apontados para a recuperação dos tóxico-dependentes. Seus "doze princípios" são expostos no artigo a seguir, que parte do conceito fundamental do Amor, segundo a revelação do Novo Testamento. O autor lembra que Amor "exigente" não quer dizer "intransigente", mas também não é "condescendente". E conclui: O "Amor Exigente" não é uma solução imediata para os problemas comportamentais. Mas é um sábio programa de vida, que a médio e longo prazo produz com certeza os seus frutos.

Amor Exigente: um programa de vida

Jorge Pinheiro

Advogado e Fundador e atual vice-Presidente da ACIFAM - Associação Catarinense de Interação Familiar